

Vanessa

Nascimento Freitas

nasfre.vanessa@gmail.com

**Entre o espaço e o lugar: As experiências de visita no
Parque da Fundação de Serralves**

Resumo

O artigo reflete a respeito da experiência de visita no Parque da Fundação de Serralves a partir dos conceitos de espaço e de lugar. De um modo geral, o conceito de espaço é relacionado ao movimento, à descoberta e à liberdade, enquanto o conceito de lugar é associado ao pertencimento, à pausa e à familiaridade. Para discutir tais conceitos, foram utilizados dados qualitativos oriundos de entrevistas com 35 visitantes e 9 profissionais da instituição em 2016. Dessa forma, percebe-se que há diferenças de percepção entre visitantes habituais e turistas, sendo que os primeiros tendem a vivenciar o Parque como sendo um lugar e os últimos tendem a realizar experiências de visitas marcadas por elementos típicos do conceito de espaço. A compreensão da existência de múltiplas experiências de visita é fundamental para a construção de distintas estratégias educativas, artísticas e curatoriais adequadas ao perfil dos visitantes.

Palavras-chave

Espaço; Lugar; Fundação de Serralves; Experiência de visita; Educação em museu.

Nota biográfica

Vanessa Nascimento Freitas é Doutora em Museologia pelo Departamento de Ciências e Técnicas do Patrimônio da Universidade do Porto, em Portugal (2018). Mestre em Artes (poéticas contemporâneas) pela Universidade de Brasília, UnB (2013). Possui graduação (Licenciatura e Bacharelado) em Artes Plásticas pela UnB (2009/2010). É professora de Artes Visuais da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) e, desde 2019, integra a Equipa Gestora responsável pela Política de Educação Patrimonial da SEEDF.

Abstract

This article reflects on the visiting experience at the Serralves Foundation Park based on the concepts of space and place. The concept of space is related to movement, discovery and freedom, while the concept of place is associated with belonging, pause and familiarity. To discuss such concepts, qualitative data from interviews with 35 visitors and 09 Serralves professionals in 2016. This article concludes that there are differences in perception between regular visitors and tourists, with the former tending to experience the Serralves Park as a place and the latter tending to carry out visiting experiences marked by typical elements of the space. Understanding the existence of multiple forms of visiting experiences is essential for the construction of different educational, artistic and curatorial strategies appropriate to each profile of visitors.

Keywords

Space; Place, Serralves Foundation; Visiting experience; Museum education.

Biographical note

Vanessa Nascimento Freitas holds a PhD in Museology from the Department of Heritage Sciences and Techniques of the University of Porto, in Portugal (2018), a Master's degree in Art (contemporary poetics) from the University of Brasília, UnB (2013) as well as a BA in Fine Art from the same institution (2009/2010). She works as professor of Visual Arts at the Secretariat of Education of the Federal District (SEEDF) and since 2019 she has been part of the Management Team responsible for SEEDF Heritage Education Policy.

Introdução

As reflexões sobre o espaço e o lugar são fundamentais para compreender a existência, a experiência e a vivência humana na contemporaneidade. A partir de perspectivas interdisciplinares, a compreensão desses conceitos auxilia na percepção da natureza das visitas realizadas em espaços museológicos e, conseqüentemente, enriquece as estratégias criativas para o desenvolvimento de processos educativos.

Assim, este artigo reflete a respeito dos conceitos de espaço e de lugar a fim de destacar os sentidos de descoberta e afetividade vivenciadas pelos visitantes de museus e como tais experiências podem orientar estratégias educativas promovidas pelos setores museológicos dedicados à educação.

Para tanto, resgatam-se alguns dados referentes a tese de Doutorado em Museologia¹ (Freitas, 2018), a qual debruçou-se sobre o caso da Fundação de Serralves na cidade do Porto, em Portugal. A investigação dedicou atenção à relação dos visitantes com as obras de arte expostas no Parque de Serralves a fim de identificar potencialidades em

processos de mediação cultural.

Os dados aqui utilizados foram coletados em 2016, junto aos visitantes e profissionais da Fundação de Serralves. Os visitantes, na altura, foram convidados a participar do inquérito, que consistiu em entrevistas semiestruturadas e no preenchimento de questionários entre os dias 14 e 27 de outubro de 2016. Contabilizaram-se trinta e cinco visitantes que aceitaram participar da investigação. Além disso, os profissionais da instituição colaboraram cedendo entrevistas conduzidas a partir de roteiros semiestruturados, totalizando nove entrevistas. Também foi realizada análise bibliográfica e documental, em torno dos principais documentos produzidos ou utilizados pela instituição. As estratégias metodológicas, que tiveram caráter híbrido (Yin, 2003), permitiram criar aproximações entre as motivações e impressões da experiência de visita bem como perceber as representações e avaliação que fazem da instituição, dos serviços e das ferramentas para a visita.

Tais dados são analisados a partir de novos enquadramentos teóricos que possibilitam construir perspectivas sobre a experiência dos visitantes do Parque de Serralves, sejam eles habituais ou eventuais, tais como moradores e

¹ Realizada no Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, tendo o título da tese “Entre o Camuflado e o

Desvelado: Potencialidades da Mediação da Arte Contemporânea ao Ar Livre”.

turistas.

A instituição tem ampliado a sua atuação por meio de ações itinerantes e diálogos/projetos interinstitucionais, como a exibição da Coleção de Serralves em autarquias do território português ou a partir de parcerias, tal como a realizada em 2018 com a Fundação Bienal de São Paulo. Além disso, Portugal vem se evidenciando na receção de toda a gente por meio da intensificação do turismo no país². Tal cenário modifica o perfil de visitação, gerando desafios para os seus processos educativos. Na busca por refletir a partir deste cenário, são apresentados alguns trechos das entrevistas e dos questionários acima mencionados, de forma a ilustrar e criar paralelos entre as noções de espaço e de lugar.

A estrutura deste artigo apresenta, na secção 1, reflexões sobre os conceitos de espaço de lugar oriundas do pensamento do geógrafo sino-americano Yi-Tu Fuan. Utilizou-se, ao longo do texto, especialmente o livro “Espaço e lugar: A perspectiva da experiência” (2015). Já “O homem e o espaço” (2019), do alemão Otto Friedrich Bollnow, auxilia a consolidar os sentidos da vivência humana nos espaços, o que colabora na discussão a partir de um olhar interdisciplinar. Por fim, o livro infantil “O

Jardim Secreto”, escrito em 1911 por Frances Hodgson Burnett, ilustra a relação das personagens com um lugar escondido e cria aproximações com o conceito de camuflagem (Freitas, 2018), que caracteriza a exposição das obras de arte no Parque de Serralves.

Na secção 2, contextualiza-se o projeto que antecede a criação da Fundação de Serralves dando destaque especial ao patrimônio natural da instituição. Fazendo uso dos referenciais teóricos indicados na secção 1, percebe-se que o projeto que antecede à Fundação se aproxima das noções de um espaço abstrato, o qual ainda não havia nem a indicação de um local físico e nem o afeto dos moradores da cidade. No entanto, o trabalho que foi desenvolvido desde então posiciona a Fundação e o Parque de Serralves como um lugar no Porto, em Portugal. A instituição vem se consolidando cada vez mais em contexto internacional, tanto pelas atividades ali desenvolvidas quanto pelo crescimento do turismo em Portugal.

Posteriormente, e a partir dessas reflexões, compreende-se que o Parque de Serralves — com seus Jardins e obras de arte — causam nos seus visitantes habituais o afeto e a familiaridade próprios da condição de lugar.

² Segundo o Conselho Mundial do Turismo e Viagens, em 2019 Portugal teve um aumento de 5,3% no turismo (Antunes, 2019).

Por outro lado, o movimento, a descoberta e a curiosidade daqueles que o visitam pela primeira vez (tais como os turistas) são típicos das experiências com o espaço.

Por fim, na secção 3 destaca-se que as impressões sobre o espaço e o lugar são fundamentais para a construção de processos educativos que façam bom uso das especificidades e motivações de cada visita. Mais do que atrelar conceitos às experiências individualizadas, o objetivo da reflexão aqui proposta é o de destacar as qualidades latentes que podem ser utilizadas em processos educativos a partir das noções de espaço e de lugar.

1. O espaço e o lugar

O sol brilhou durante quase uma semana inteira no jardim secreto. Jardim Secreto era como Mary o chamava, quando pensava nele. Ela gostava do nome e gostava mais ainda da sensação de que, quando estava cercada daqueles velhos e lindos muros, ninguém sabia onde ela estava. Era quase como estar fora do mundo e numa espécie de lugar encantado (Burnett, 2013: s/p).

O livro *O Jardim Secreto*, escrito por Frances Hodgson Burnett em 1911, conta a história de

crianças que se transformam a partir da descoberta e da vivência em um jardim escondido. A narrativa é bucólica, permeada de descobertas e profundamente marcada pela afetividade que caracteriza a relação das personagens com um jardim secreto. Tal exemplo, retirado da literatura infantil, permite fazer um paralelo com o pensamento de Tuan (2015), cuja reflexão analisa a natureza da afeição que as pessoas desenvolvem por espaços e lugares.

A publicação da *Poética do Espaço* (2008) de Gaston Bachelard, no final da década de 1950, teve fundamental importância para discussão sobre o espaço, levando a temática à condição de objeto de investigação para compreender a existência humana a partir de uma perspectiva fenomenológica.

Assim, as reflexões sobre o espaço e o lugar são utilizadas em vários campos de estudo, ressaltando a articulação com as formas de utilizar, movimentar e viver. Dessa forma, as discussões sobre o tema em Bollnow (2019) e Tuan (2015) estão centradas nos sujeitos — o primeiro aponta para o espaço vivenciado e o segundo indica a perspectiva da experiência do espaço e do lugar.

O espaço mensurável, com suas coordenadas matemáticas e abstratas, nem sempre encontra correspondência com o espaço

vivenciado (Bollnow, 2019). A partir de seu pensamento, assume-se uma perspectiva da vida em determinado contexto, “trata-se do espaço como meio da vida humana (...) o espaço concreto real, no qual acontece a vida.” (Bollnow, 2019: 16-17), considerando a fluidez e as discontinuidades; a limitação e a extensão infinita; e a construção de significados e deslocamentos. Assim,

Trata-se da relação que surge entre os seres humanos e seu espaço (...) logo, também, da estrutura da própria existência humana, uma vez que esta é determinada por sua relação com o espaço. Nesse sentido, falamos da espacialidade da existência humana. Com esse conceito não estamos querendo dizer que a própria vida – ou a “existência” humana – seja dotada de uma expansão espacial, mas que ela, o que ela é, somente o é na referência a um espaço. Dizemos que ela necessita do espaço para nele se desdobrar (Bollnow, 2019: 20).

As discussões de Yi-Fu Tuan (2015) sobre a perspectiva da experiência diferencia os sentidos dados ao espaço e ao lugar, fundamentando sua reflexão a partir do ponto de vista humano, centrada no sujeito. A realidade é construída por meio da experiência

“que implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência” (Tuan, 2015: s/p) — envolvendo, para tanto, sentimentos, pensamentos, sentidos e percepções que são profundamente influenciados pelos aspectos culturais e históricos em que se vive. Além disso, a relação com o espaço e com o lugar é construída de forma relativa e referencial criando um sentido fluido para as relações afetivas, físicas e sensoriais construídas individualmente ou coletivamente.

De um modo geral, “O lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro”. Assim, “quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar”. Dessa forma, “o espaço é experienciado quando há lugar para se mover (...) Para experienciar no sentido ativo, é necessário aventurar-se no desconhecido e experimentar o ilusório e o incerto”. Por outro lado, embora esses dois contextos tenham fluidez e possam ser confundidos, “o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (Tuan, 2015: s/p). O lugar se relaciona com a segurança, a estabilidade e a familiaridade típicas dos locais onde nos sentimos pertencentes e com os quais desenvolvemos afeto.

Indicando um sentido amplo, complexo e com propósitos suscitado pelas ideias de espaço e lugar assume-se que “Experenciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele” (Tuan, 2015: s/p). Assim, a compreensão da natureza da experiência de visita no contexto do Parque de Serralves — juntamente com a arte, com os jardins e com a arquitetura — é fundamental para o desenvolvimento de ações educativas, artísticas, ambientais e curatoriais que valorizem e façam bom uso das qualidades e perspectivas inerentes aos dois conceitos supracitados.

2. A Fundação de Serralves

A Fundação de Serralves é uma instituição cultural, privada e de utilidade pública, situada na cidade do Porto, no norte de Portugal. O trabalho por ela desenvolvido abarca, principalmente, a arte contemporânea, o meio ambiente, a arquitetura em uma estrutura complexa aberta ao público. O Museu de Arte Contemporânea, o Parque, a Casa *Art Déco* e a Casa do Cinema Manoel de Oliveira são elementos articulados que compõem e constituem a Fundação.

A história institucional tem sido consolidada desde 1989 e, hoje, Serralves é um ponto incontornável no Porto (e em Portugal) quando se trata de arte contemporânea e assuntos culturais. Os antecedentes que contextualizam a história precedente da Fundação de Serralves indicavam um desejo por parte de artistas e intelectuais, após a Revolução de 25 de Abril³, pela criação de uma instituição dedicada à arte produzida na contemporaneidade (Oliveira, 2013).

A escolha do local para a concretização desse projeto cultural levou em consideração os elementos físicos e naturais que o caracterizavam como atraentes ao intento e que, posteriormente, seriam abraçados como fundamentos importantes da instituição. A criação efetiva da Fundação de Serralves deu-se em 1989⁴, consolidando o início desse projeto, criando uma relativa descentralização cultural no país.

Se antes o projeto pretendido configurava-se como um espaço abstrato, hoje se constitui como um lugar no Porto e em Portugal cheio de significados.

³ A Revolução de 25 de Abril, Revolução dos Cravos ou Revolução de Abril, refere-se a um evento da história

política e social de Portugal que depôs o regime ditatorial em 25 de Abril de 1974.

⁴ Decreto-Lei 240-A/89, 27 de julho de 1989.

2.1. O Parque de Serralves

As características espaciais que conformam a Fundação de Serralves são complexas (Fig. 1). As características do Parque de Serralves oscilam entre o rural e o urbano, em áreas que se comunicam sem perder a independência física e paisagística (Serralves, 2013a: 38).

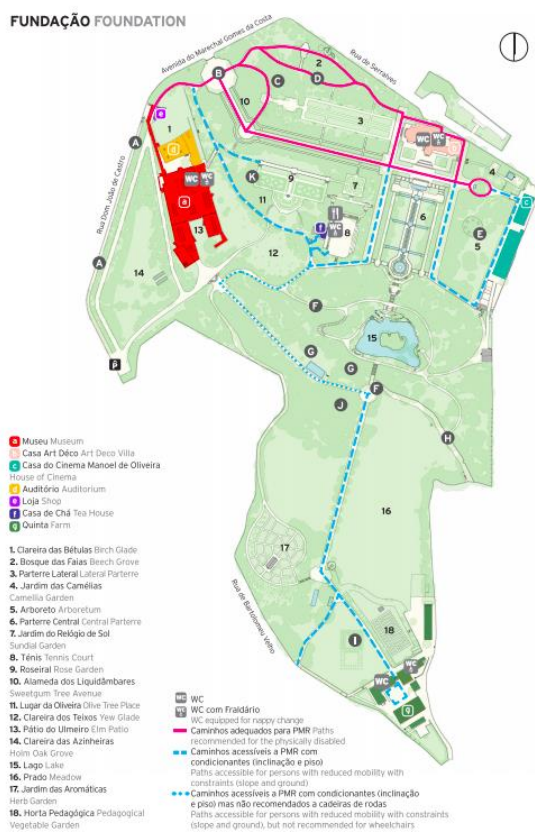


Fig. 1 – Mapa da Fundação de Serralves (Fundação de Serralves, s/d a).

⁵ Foi diretor, à época, do Museu de Arte Moderna de Louisiana, na Dinamarca. A instituição foi inaugurada em 1958 e é precursora na tipologia que combina espaços expositivos em área interna ao edifício e nos jardins, na apresentação de arte moderna e contemporânea.

⁶ Conforme entrevista com Marta Almeida, então Coordenadora do Serviço de Artes Plásticas de Serralves, realizada no dia 25 de outubro de 2016.

Embora a Fundação de Serralves não tenha surgido a partir de um programa que propusesse o desenvolvimento de exposição ao ar livre, o Parque solicitaria uma reflexão sobre os usos que seriam feitos no local, tanto para justificar a sua escolha, como para desenvolver um programa específico para ele. Knud Jensen⁵ (1916-2000), na altura, fez um parecer favorável sobre a propriedade de Serralves indicando que seria um “[...] perfeito enquadramento para o museu, um jardim de escultura e talvez um centro de conferência ou música.” (Oliveira, 2013: 212-213) — dando indícios de que o Parque poderia vir a ser um lugar, também, para o encontro com a arte.

Após a consolidação de Serralves, no entanto, a instituição não se assumiu como uma tipologia de jardim ou parque de esculturas⁶ como forma de apresentar as obras de arte que são expostas na área externa. Se, nos discursos, a instituição não se declara dentro de categoria específica de exposição da arte ao ar livre, ao apresentar as obras fora dos desenhos históricos dos Jardins assemelha-se à tipologia de parque de escultura⁷ (Castro, 201).

⁷ Sobre Serralves a autora identifica-o como parque de escultura “no sentido em que as peças permanentes se encontram em espaços fora da área de jardim histórico” (Castro, 2010: 295). Além disso, sobre a definição dessa categoria afirma que: “Do ponto de vista formal e estrutural, o parque de escultura define-se pela ocupação de um território coerente, não obstante a diversidade de atmosferas que pode conter, delimitado por fronteiras perfeitamente reconhecíveis que

A Capital Europeia da Cultura sediada no Porto em 2001⁸ foi importante para a consolidação das obras de arte de forma permanente no Parque. O evento teve como tema “Pontes para o Futuro” (Ganga, 2012), como eixo orientador da programação cultural a temática da paisagem. Dessa forma, a agenda cultural da Fundação de Serralves intitulada "Sobre, em Volta, Dentro da Paisagem"⁹ norteou as ações institucionais durante esse período, tendo sido determinante para a consolidação da exposição que encontra-se ao ar livre.

Além disso, as formas de exibir as obras de arte no Parque foram profundamente influenciadas pelo posicionamento do primeiro Diretor Artístico de Serralves, Vicente Todolí Cervera (1958). Para preservar a identidade histórica do Parque, ele apresentou o conceito de camuflagem, que orientaria a forma como a arte seria apresentada. Negou-se, desta maneira, o sentido de cenário e de passividade na compreensão do jardim como pano de fundo para a obra de arte (Dias, 2015).

Contrariando a procura de neutralidade que alguns museus tentam construir nos seus

espaços internos de exibição, a partir da conceção de cubo branco (O'Doherty, 2002), a apresentação das obras no Parque teve uma lógica oposta. As obras apresentadas estão localizadas nos Jardins e procuram, de um modo geral, integrar-se na paisagem circundante. É, pois, a partir desta noção que o termo e o conceito de camuflagem (que se relaciona com a ideia de ocultar, esconder, disfarçar) estão impregnados na conceção da maioria das peças que ali se encontram e criam uma atmosfera para visita, tal como será indicado na seção a seguir.

3. A visita ao Parque de Serralves

O inquérito realizado *in loco* com os visitantes que saíam do Parque de Serralves teve como objetivo identificar as potencialidades dos processos de mediação cultural a partir da

coincidem, em geral, com propriedades historicamente constituídas e possuem entradas bem identificadas, por vezes, mais do que uma. O território é vedado por muros, gradeamentos ou barreiras naturais. Estes aspetos garantem-lhe a aparência e a consistência de núcleos museológicos e atravessar a sua entrada equivale a penetrar num universo com uma organização e regras próprias” (Castro, 2010: 350).

⁸ Para saber mais sobre o Porto como Capital Europeia da Cultura consultar a tese de Rafaela Ganga (2012).

⁹ Três exposições realizadas em Serralves naquele momento: *In the Rough: A Paisagem* na Coleção do Museu, que foi o início de onze apresentações individuais todas elas centradas no tema da paisagem e expressamente concebidas para o Porto 2001; Porto 60-70: Arte de Vanguarda; Dan Graham (individual). Conforme Queirós (2000).

relação dos visitantes com as obras de arte e com a natureza¹⁰.

Um fator importante a ser destacado é que o período de investigação e inquérito realizado coincidiu com a exposição¹¹ Joan Miró: Materialidade e Metamorfose, que apresentou a coleção de obras do artista na Casa *Art Déco* impactando sobre a investigação¹².

O Parque de Serralves é uma das principais áreas verdes de acesso ao público na cidade do Porto e, portanto, proporciona aos visitantes um contexto diferente da ambientação urbana que caracteriza a cidade. Seus moradores usufruem desse local em atividades de visita individual e autônoma ou em grandes eventos abertos ao público, a exemplo do Serralves em Festa¹³. É evidente que, além de ponto de interesse a ser conhecido pelos turistas de toda parte¹⁴, a Fundação é um

ambiente para os moradores da cidade, conseguindo criar uma atmosfera própria, seja por seu patrimônio natural ou edificado.

Essa visão pode ser destacada na fala de uma das entrevistadas:

(...) Às vezes pergunto-me como na cidade do porto há um espaço tão diferente e nos dá uma visão rural quase num centro urbano como é o Porto. Eu gosto muito. Eu acho que é um dos sítios mais bonitos que nós temos em Portugal (...) ¹⁵ (Maria M.)

A percepção da visitante cria escalas diferentes sobre Serralves — o rural local e a beleza referencial para o país. A partir deste paralelo micro e macro, a fala de Maria M. torna-se repleta de significados, que podem ser sintetizadas em dois pontos: Serralves é do Porto e “eu gosto muito” (1) e Serralves é um

¹⁰ Os resultados evidenciaram a relação direta dos indivíduos com os espaços e lugares do Parque de Serralves de forma mais explícita do que com as obras de arte expostas em permanência.

¹¹ Exposição vigente entre 01 outubro de 2016 e 04 junho de 2017.

¹² A inauguração teve grande repercussão nos meios de comunicação não somente pela importância deste acervo, mas, sobretudo, por evidenciar as disputas político-culturais no país. Esse contexto de debate propiciou um interesse específico entre os visitantes, que desejavam conhecer o objeto de discussão, no caso a exposição. Entre os visitantes entrevistados, observou-se que muitos deles não foram ao Parque tendo como motivação principal as obras de arte ali expostas e seguiram direto para a Casa *Art Déco*. No entanto, a maioria já conhecia Serralves, o que, de certa maneira, justifica, uma visita mais estratégica e pontual.

¹³ Conforme indicado no *website* institucional Serralves em Festa “celebra Serralves como um espaço inclusivo da arte contemporânea e da cultura, incorporando ainda o pensamento e práticas ligadas à reflexão sobre o meio ambiente e a paisagem. Este é o maior evento da cultura contemporânea em Portugal e um dos maiores da Europa, com centenas de atividades a decorrer nos vários espaços da Fundação de Serralves” (Fundação de Serralves, s/d c).

¹⁴ Em 2013 recebeu certificado de excelência do *Tripadvisor*. Disponível em: <https://www.serralves.pt/pt/catalogo/a-fundacao-premios-distincoes-e-condecoracoes/2013/> (Consultado: 24/06/2020).

¹⁵ Maria M., visitante inquirida (nº 27), entrevista realizada no dia 21 de outubro de 2016.

sítio em Portugal (2). Se a conceção de Tuan (2015) nos indica que a relação de lugar remete a uma experiência afetiva que reforça os sentidos de pertencimento, é preciso destacar que ela também é relativa na medida em que variam as escalas. Assim, Serralves, o Porto e Portugal são, para ela, lugares pelos quais se afeiçoa de forma fluida e dinâmica.

Os tipos de visita são variados e os recursos do Parque (natural, paisagístico, arquitetónico e artístico), quando combinados, mostram-se favoráveis às diversidades de interesses daqueles que o visitam. As pessoas mais assíduas tendem a não visitar as obras expostas no Parque, porque entram na categoria do que já é conhecido/familiar, isto é, já não sentem necessidade de revê-las. Talvez o fator “novidade” seja, para elas, de certa maneira, uma razão determinante para o reencontro com essas obras. Essa percepção é reforçada pelos inquiridos, conforme é possível verificar abaixo:

(...) de resto eu acho que a natureza é tão forte que as obras acabam por passar despercebidas (...) o jardim é sempre diferente e as obras de arte são passadas para segundo plano e quando elas estão

no outro espaço elas são o motivo da visita (...) ¹⁶ (Ana)

(...) hoje nós não fomos atrás das esculturas do Parque, eu já as conhecia, mas é tudo passado. Já não tenho uma memória muito grande do que aí está (...) ¹⁷ (Maria S.)

(...) hoje não visitei as esculturas no parque porque já as conhecia, não me debrucei sobre este detalhe. Tinha uma exposição que tinha uma colher cá, há um ou dois anos... e não sei se elas ainda estão aqui (...) ¹⁸ (Laise).

Assim, embora a obra de arte, nesse contexto, seja ainda objeto de admiração, ela torna-se menos central em visitas cotidianas ou para convívio dos moradores da cidade. Para tais atividades, os visitantes buscam, frequentemente, outros pontos do Parque.

De acordo com o pensamento de Tuan (2015), o lugar também se constitui como objeto e, portanto, o espaço é definido tanto por lugares como por objetos. Assim, cada obra de arte exposta permanentemente no Parque de Serralves constrói uma atmosfera própria, a

¹⁶ Ana S., visitante inquirida (nº 02), entrevista realizada no dia 14 de outubro de 2016.

¹⁷ Maria S., visitante inquirida (nº 24), entrevista realizada no dia 21 de outubro de 2016.

¹⁸ Laise L., visitante inquirida (nº 31), entrevista realizada no dia 21 de outubro de 2016.

partir das noções de objeto escultórico e de lugar.

A maior parte das obras ali expostas não está nas vias centrais do Parque e é camuflada. Dessa forma, as obras dificilmente são encontradas por visitantes desavisados. Quando encontradas por acaso, no entanto, possibilita a construção do sentido de lugar, na medida em que a obra cria uma pausa momentânea, diminuindo as distâncias entre o espaço e o lugar. É, portanto, dessa maneira que “um único objeto inanimado, inútil em si mesmo, pode ser o centro de um mundo”. No campo da arte, por exemplo, “uma peça de escultura parece encarnar a humanidade e ser o centro de seu próprio mundo”. Assim, sendo o centro de si mesma, “apesar de uma estátua ser um objeto em nosso campo de percepção, parece criar seu próprio espaço” (Tuan, 2015: s/p).

A experiência de visita realizada por motivação turística, embora seja afetada pelas paisagens e objetos que compõe o cenário local, se caracteriza mais pela concepção de espaço do que de lugar, se considerarmos as reflexões de Tuan (2015):

(...) foi muito legal a questão das esculturas no meio do parque... tudo

muito bonito, mas eu não conheço bem a história desse lugar.... se era de alguém (...)¹⁹ (Fernanda D.).

Dessa forma, a experiência de visita da turista Fernanda tem um sentido de descoberta que caracteriza o espaço. Enquanto conceito, esse se aproxima mais da experiência por ela vivida pois “os turistas buscam novos lugares. Em um novo ambiente, são forçados a ver e a pensar sem apoio de todo um mundo de vistas, sons e cheiros conhecidos – em grande parte irreconhecidos” (Tuan, 2015: s/p).

A título de ilustração, a percepção da experiência de visita de Maria M. e Fernanda, indicadas acima, são diferentes em si, pois cada momento é único e irreproduzível, ainda que se tratasse de duas visitas realizadas pela mesma pessoa, em distintos momentos. No entanto, a comparação entre olhares de turistas e moradores trazem informações que permitem refletir sobre a percepção de lugar (familiar, local, conhecido e afetivo) como no caso do/a morador/a e visitante costumeiro, e de espaço (desconhecido, que convida ao movimento), no caso do turista. Tais informações mostram-se relevantes para tratar as questões educativas, artísticas e curatoriais num contexto crescente do turismo no Porto e em Portugal.

¹⁹ Fernanda D., visitante inquirida (nº 05), entrevista realizada no dia 15 de outubro de 2016.

3.1. A visita à arte no Parque de Serralves

Os pequenos trechos das falas dos visitantes, apresentados acima, é ilustrativo na medida em que exemplifica algumas possibilidades do perfil de visita. As características da exposição da arte apresentada no Parque de Serralves possui potencialidades e desafios para os processos de mediação cultural.

Essa é a única parte da Coleção de Serralves que é exposta em caráter de permanência. Dessa forma, o Serviço Educativo de Serralves (Artes) possui o desafio de (re)trabalhar com visitantes as noções de que a arte não está na lógica da novidade para indicar a possibilidade de que sempre é possível ver (a obra) de uma forma diferente²⁰. Quando a coleção é apresentada de forma permanente, ela não desperta o sentimento de urgência, como frequentemente ocorre em exposições temporárias em que há a necessidade de visitar antes que a mesma encerre²¹. Esse cenário mostra-se muito diferente quando se propõe atividades —

educativas, artísticas e curatoriais — para os visitantes habituais ou eventuais.

De certa maneira, o interesse primordial dos visitantes de ver a exposição vigente na Casa ou visitar o Parque é resultado, também, de alinhamento de ações e discursos institucionais. No contexto do Parque de Serralves, o centro das atenções é o Jardim e não as obras — não sendo um parque de escultura, compreende-se, sobretudo, como um parque que contém esculturas²².

Dessa forma, a proposta de integrar arte e natureza não teve a intenção de transformar o local numa sala de exposições²³. Ainda que alguma delas possam contradizer esse posicionamento conceitual²⁴ que escapam ao conceito de camuflagem, tal argumento aplica-se, principalmente, às obras de arte expostas em permanência. De forma geral, o seu desenho paisagístico tende a enfatizar mais os aspetos naturais que remetem para os elementos históricos, do que, propriamente, a dar destaque às obras que o pontuam.

²⁰ Conforme entrevista com Denise Pollini, a então Coordenadora do Serviço Educativo da área de artes plásticas de Serralves, realizada em 27 de outubro de 2016.

²¹ Conforme entrevista com Denise Pollini, então Coordenadora do Serviço Educativo da área de artes plásticas de Serralves, realizada em 27 de outubro de 2016.

²² Conforme entrevista com Marta Almeida, então Coordenadora do Serviço de Artes Plásticas de Serralves, realizada no dia 25 de outubro de 2016.

²³ Conforme entrevista com Marta Almeida, então Coordenadora do Serviço de Artes Plásticas de Serralves, realizada no dia 25 de outubro de 2016.

²⁴ Como é o caso da exposição Anish Kapoor: Obras, Pensamentos, Experiências vigente entre 06 de julho de 2018 e 06 janeiro de 2019.

Um dado contraditório é que a maioria dos visitantes tenha-se mostrado em concordância completa ou parcial com a frase que diz que a observação das esculturas no Parque faz parte integrante da experiência de visita, quando, opostamente, a maioria²⁵ não foi ao encontro das obras no dia em que foram inquiridos.

Cria-se, desta maneira, uma interseção entre aquilo que acreditam ser parte da experiência de visita — o reconhecimento da fundamental relação entre a arte e a natureza — mas que, em contrapartida, não é um elemento indispensável nas suas visitas.

De forma complementar, uma investigação realizada por Serralves indica a relação intrincada entre os elementos que constituem a identidade da instituição nos interesses do visitante. Isso porque, mediante a resposta dos respetivos inquiridos, percebeu-se a multiplicidade de interesses que faz com que 54,6% dos visitantes indiquem a motivação de desfrutar da experiência de Serralves como um todo. Em contrapartida, 26,8% estiveram motivados para ver as exposições no Museu e apenas 10,1% pretendiam passear pelo Parque (Fundação de Serralves, 2013).

A representação que os inquiridos fazem de Serralves é mais abrangente no

reconhecimento da complexidade física e artística da instituição, ainda que isso não precise necessariamente de ser expresso nas suas decisões e preferências ao longo de uma visita.

Atendendo às prerrogativas que caracterizam a exposição no Parque — isto é, a descrição das obras perante a exuberância da natureza — o trabalho do Educativo (arte) possui desafios para a condução de projetos que envolvam o acervo que está exposto permanentemente ao ar livre. A valorização desse conjunto é delicada, na medida em que é necessário criar estratégias para motivar os visitantes a explorar e, também, a visitar as obras sem lesar o sentido de descoberta que está inerente à conceção de camuflagem das obras de arte no Parque. Além disso, o reconhecimento de uma experiência mais alinhada às características do espaço e do lugar torna-se fundamental para alcançar os anseios dos visitantes habituais e/ou com motivação turística. Estratégias distintas são necessárias para públicos distintos.

²⁵ 29 entre os 35 visitantes inquiridos.

Considerações finais

Ao longo deste artigo destacaram-se algumas perspectivas fundamentais para compreender a experiência de visita no Parque da Fundação de Serralves a partir dos conceitos de espaço e lugar e como tais informações podem auxiliar na proposição de ações educativas, artísticas e culturais. Para tanto, as concepções de espaço e lugar foram essenciais para a compreensão dos sentidos de descoberta e movimento ou familiaridade e pertencimento.

Apresentou-se o projeto que antecede à instituição, no desejo pela criação de um local destinado à cultura e arte contemporânea no norte de Portugal. Compreende-se que, após a criação da Fundação de Serralves, houve uma valorização dos elementos (paisagísticos, artísticos e arquitetónicos) que consolidaram a identidade institucional fundamental à construção da noção de lugar.

A Fundação de Serralves é um dos principais pontos de interesse da cidade do Porto, na qual os seus moradores apresentam afetividade pelo lugar — que se relaciona com pausa, com a familiaridade e com o pertencimento. Assim, a instituição é um lugar no Porto e em Portugal, a medida em que se coloca como uma das principais referências para a discussão sobre as questões ambientais e artísticas mas,

principalmente pelas referências afetivas que suscita. Além disso, destacou-se que a noção de descoberta e movimento caracteriza mais a experiência com o espaço a partir do olhar do turista. Isto, de um modo geral, sugere outras abordagens no campo da educação, arte e curadoria desenvolvidas na Fundação.

A depender do perfil e motivações dos indivíduos, as experiências de visita podem se aproximar mais da concepção de espaço ou de lugar. Assim, faz-se necessário que os processos de mediação cultural e os projetos educativos, artísticos e curatoriais possam se apropriar das qualidades latentes em cada uma dessas vivências a fim de possibilitar uma visita autónoma, crítica e criativa. Manter a vitalidade das obras de arte, isto é, o interesse que elas podem despertar nos visitantes em querer reviver as experiências com as obras é, sem dúvida, um desafio e uma realidade institucional — que pode criar ferramentas e estratégias para construção de visitas autónomas ou acompanhadas ao longo do Parque.

Por fim, a compreensão do espaço e do lugar é uma das facetas que procura observar e analisar as experiências de visita no Parque de Serralves, na busca por enriquecer a vivência com a arte e a natureza. Criar diálogos e possibilitar experiências para pessoas que são

familiarizadas e tem afeto por um lugar será sempre diferente de suscitar reflexões para os visitantes e turistas que estão descobrindo esse espaço. Discutir quais são as especificidades de cada perfil e quais são pontos de encontro entre eles constituem elementos fundamentais para fazer bom uso das qualidades latentes das experiências e das vivências com a arte e a natureza ali presentes.

Agradecimentos

Meus agradecimentos à Prof. Doutora Alice Semedo e à Prof. Doutora Elisa Noronha que acompanharam, atenciosamente, a investigação que gerou os dados utilizados para a redação de parte deste artigo. Estendo o meu reconhecimento ao corpo docente, discente e demais profissionais que compõe o Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Por fim, e não menos importante, agradeço a todos os visitantes e profissionais da Fundação de Serralves que se disponibilizaram a participar da investigação.

Referências

- Antunes, C. (2019). Portugal está a ter o maior crescimento turístico da Europa. *Expresso*. Disponível em: <https://expresso.pt/economia/2019-10-04-Portugal-esta-a-ter-o-maior-crescimento-turistico-da-Europa>
- Bachelard, G. (2008). *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bollnow, O. F. (2008). *O Homem e o Espaço*. Curitiba: Editora UFPR.
- Burnett, F. H. (2013). *O Jardim Secreto*. Editora Penguin Companhia, Edição do Kindle.
- Castro, L. L. O. (2010). *Exposições de Arte Contemporânea na Paisagem - Antecedentes, Problemáticas e Práticas*. Tese de Doutoramento. Porto: Universidade do Porto.

Freitas, V. N. (2020). Entre o espaço e o lugar: As experiências de visita no Parque da Fundação de Serralves. In P. M. Homem, M. Monteiro & M. E. Oliveira (Eds.), *Ensaios e Práticas em Museologia* (Vol. 09, pp. 81-97). Porto: FLUP/DCTP/MMUS. <https://doi.org/10.21747/9789728932824/en9a5>

Dias, A. M. (2015). *O Melhor Lugar é a Memória: Um Estudo Sobre o Papel da Coleção nos Museus de Arte Contemporânea: Museu de Arte Contemporânea de Serralves e Museu de Arte Moderna de São Paulo*. Tese de doutoramento. Coimbra: Universidade de Coimbra.

Freitas, V. N. (2018). *Entre o Camuflado e o Desvelado: Potencialidades da Mediação da Arte Contemporânea ao Ar Livre*. Tese de Doutoramento. Porto: Universidade do Porto.

Fundação de Serralves (2013). *Estudo de públicos*. Porto: Fundação Serralves. Disponível em: https://www.serralves.pt/FLIPBOOK/Estudo_Publicos/.

Fundação de Serralves (s/d a). *Apresentação*. Porto: Fundação Serralves. Disponível em: <https://www.serralves.pt/institucional-serralves/fundacao-apresentacao/>.

Fundação de Serralves (s/d b). *Parque de Serralves: Paisagem com Vida*. Porto: Fundação de Serralves.

Fundação de Serralves (s/d c). *Serralves em Festa*. Porto: Fundação Serralves. Disponível em: <https://www.serralves.pt/institucional-serralves/serralves-em-festa/>.

Ganga, R. N. (2012). *Uma Educação (Inter/Multi) Cultural a Três Tempos: Um Ensaio de Imaginação Etnográfica Europeia em Espaços de Arte, Educação e Cultura Contemporânea*. Tese de Doutoramento. Porto: Universidade do Porto.

Oliveira, L. (2013). *Museu de Arte Contemporânea de Serralves: Os Antecedentes, 1974-1989*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda/Instituto de História da Arte, Universidade Nova de Lisboa.

O'Doherty, B. (2002). *No Interior do Cubo Branco. A Ideologia do Espaço da Arte*. São Paulo: Martins Fontes.

Queirós, L. M. (2000). Paisagens para 2001. *Público*. Disponível em: <https://www.publico.pt/2000/04/08/jornal/paisagens-para-2001-142380>

Tuan, Y. (2015). *Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência*. EDUEL, Edição do Kindle.

Yin, R. K. (2003). *Estudo de Caso: Planejamento e Métodos*. Porto Alegre: Bookman.